

# ***Todos os rios vão dar a Março. O movimento dos indignados e a construção de um *ethos* coletivo***

Maria Aldina MARQUES (CEHUM-ILCH – UM)

*mamarques@ilch.uminho.pt*

## **1. A contextualização social e política dos discursos**

No quadro de uma linguística dos discursos, tomo como pressuposto de análise que os discursos são práticas sociais, a fim de abordar - na designação proposta pela sociologia - os “novíssimos movimentos sociais” de contestação como forma de cidadania ativa e que, independentemente da designação adotada em cada caso, são conhecidos como *movimento dos indignados*, por explicitamente reivindicarem “o direito à indignação”.

São movimentos de contestação que, desde 2008, têm marcado a cena internacional, em diferentes momentos, países e continentes, desde a *Primavera Árabe*, de que a Tunísia e o Egito são casos marcantes, até ao movimento *Occupy*, nos Estados Unidos, e na Europa, em particular, as *Acampadas* em Espanha e, em Portugal, entre outros, o movimento *Que se lixe a Troika!* aqui em análise.

Tendo como contextualização mais saliente o suporte das redes sociais, estes movimentos pretendem, num momento de crise política, económica e social generalizada, congregar toda a sociedade civil num desígnio comum de cidadania ativa, entretecido numa rede ideológica que assenta na possibilidade de compatibilizar ações comuns a partir da diversidade de origens, situações, interesses. É pelos discursos que pretendem conseguir a participação popular. Assim, na construção dos discursos de *manifestação*, este é um vetor fundamental.

### **1.1. Que se lixe a Troika! um movimento dos indignados**

O movimento *Que se lixe a troika!* tem lugar neste enquadramento sociopolítico. Criado em setembro de 2012, em Lisboa, tem como documento fundador um *Texto de apelo*, subscrito por 29 elementos, porque, como referem, “É preciso fazer qualquer coisa de extraordinário. É preciso tomar as ruas e as praças das cidades e os nossos campos. Juntar as vozes, as mãos.” Pretende ser um movimento social, de protesto *anti* “políticos”, de forma direta anti-governo, mas essencialmente *anti* instituições políticas, alimentado por uma ideologia explicitamente assumida como não partidária<sup>1</sup> e ancorada nas redes sociais.

---

<sup>1</sup> É uma situação que na verdade não tem esta clareza. Se no *Texto de Apelo* se afirma que “Este é um apelo de um grupo de *cidadãos e cidadãs* de várias áreas de intervenção e quadrantes políticos, a verdade é que os seus subscritores são rapidamente ligados à militância em partidos de extrema-esquerda. O *Jornal i*, de 15 de março, faz-se eco desta discussão: “O movimento apresenta-se (...) como *apartidário*, mas, segundo diversas fontes do movimento relataram ao *i*, quatro dos seis membros que compõem o núcleo duro são *militantes activos do Bloco de Esquerda (BE) e do Partido Comunista Português (PCP)*”.

## 1.2. A denominação do movimento

Em julho de 2012, o primeiro-ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho, num jantar com o grupo parlamentar do PSD, afirmou: «E quero reafirmar, ao fim deste primeiro ano parlamentar, que se algum dia tiver de perder umas eleições em Portugal para salvar o país, *como se diz, que se lixem as eleições, o que interessa é Portugal*». Esta expressão, apesar do distanciamento que o locutor estabelece face à forma coloquial do seu dizer, pela atribuição da responsabilidade a um outro enunciador de natureza doxal – no uso do marcador de um discurso segundo (“como se diz”) -, gerou acesa polémica pelo inusitado uso de calão, a par de uma possível menorização do ato eleitoral, dado o semantismo de indiferença que carrega face a uma situação, no caso em análise a perda das eleições, que a expressão “que se lixe!” veicula e alguns partidos exploram.

É este facto discursivo que está na origem da denominação do movimento social *Que se lixe a Troika*<sup>2</sup>. Contudo, o valor semântico da expressão é aqui outro; convoca uma relação de antagonismo interpessoal, que ocorre, por exemplo, na expressão *Vai-te lixar!*, que agrega um valor ilocutório complexo de insulto e imprecação.

O enunciado *Que se lixem as eleições!* dá origem a uma cadeia dialógica<sup>3</sup> integrando diferentes discursos públicos de desacordo e confronto, *que se lixe o governo, que se lixem os impostos, que se lixe a Europa*, e, particularmente, *que se lixe a Troika!*, que convocam a voz do Primeiro Ministro para mais violentamente o contestar; tem uma dimensão subversiva que se encontra presente noutros procedimentos discursivos do discurso manifestante.

## 1.3. Todos os rios vão dar a março

Em Portugal, o mês de março de 2013 foi marcado por (mais) uma manifestação. *Todos os rios vão dar a março* é o tópico central da manifestação, divulgado por todo o país, em cartazes variados que convocam esse evento:

---

<sup>2</sup> Troika: designação da comissão que reúne as três entidades, FMI, Banco Central Europeu e Comissão Europeia com quem Portugal negociou o resgate financeiro.

<sup>3</sup> O termo é de Vion (2010): “Nous appelons *chaîne dialogique* un nombre indéfini d'énoncés construits par le détournement d'un même énoncé de base”.

Figura 1.



É um enunciado polissêmico, metafórico e polifônico, que, mesmo visualmente, joga com os lexemas mar/março, o mês da manifestação, para convocar, de modo mais explícito, o provérbio *Todos os rios vão dar ao mar*, mas também outros enunciados de vozes importantes para o movimento, como é o caso de Zeca Afonso, um cantor ícone do 25 de abril e da resistência à ditadura, na sua Balada do Outono:

Rios que vão dar ao mar  
Deixem meus olhos secar  
Águas das fontes calai  
Ó ribeiras chorai  
Que eu não volto a cantar<sup>4</sup>.

*Todos os rios vão dar ao mar* é ainda a metáfora da compatibilização da diversidade num desígnio comum, cara à ideologia dos novíssimos movimentos sociais, acima referidos. O campo semântico da água em movimento configura, aliás, a estrutura deste evento, organizado em “marés”, como a *maré da educação* ou a *maré da saúde*, isto é, em grupos variados que, de diferentes pontos da cidade, convergem para um ponto central “reivindicando as suas próprias questões mas fundindo-as num protesto comum” (CAMARGO, 2013, p. 136). A relação entre *manifestantes* e *mar/maré* evoca ainda construções fixas como *mar de gente*, *rios de gente* que ajudam à construção da imagem da multidão em protesto como uma força da natureza, à semelhança das águas dos rios que nada poderá deter. O jogo de efeitos gráficos criados pela alternância de cores do cartaz, repetido como marca de identidade em todas as variações afixadas pelo país, sublinha a pluralidade de leituras possíveis.

## 2. Quadro teórico-metodológico

O objetivo do presente trabalho é analisar, a propósito da *manifestação de 2 de março*, o modo como se constrói o *ethos* coletivo do movimento *Que se lixe a Troika!*, com atenção particular às estratégias multimodais selecionadas pelos diversos participantes nesta prática social e verbal complexa. Pretendo

<sup>4</sup> A canção, como marca identitária do povo português, vai ser explorada noutros cartazes (cf 3.4.).

mostrar que as imagens de si que o(s) locutor(es) constrói(constroem) são necessárias à compreensão dos sentidos dos discursos e dos movimentos sociais.

A hipótese de base é que a *manifestação de 2 de março* dá corpo a um *ethos* coletivo popular: um corpo plural feito também de imagens que se pretendem plurais, mas sempre convergentes. Essa construção resulta de estratégias multimodais, verbais e não-verbais.

A análise a realizar passa, essencialmente, por determinar as estratégias e mecanismos de construção do *ethos* nos discursos da manifestação, com atenção especial à relação entre *ethos* coletivo e *ethe* singulares.

A perspetiva teórica que foi privilegiada é uma perspetiva discursiva-enunciativa, que se assume interdisciplinar, conjugando diferentes abordagens teóricas. Em particular, a teoria do *ethos*, tal como é desenvolvida por autores como Maingueneau (1999), Amossy (1999, 2000, 2010) ou ainda Charaudeau (2005) constitui o suporte teórico da abordagem.

O *corpus* é constituído por materiais disponíveis *online*. Em primeiro lugar, é constituído por fotografias dos cartazes e faixas da convocação e do desfile da *manifestação de 2 de março* de 2013, com atenção particular aos textos que integram, e completado por textos, também *online*, sobre o movimento *Que se lixe a Troika!*. Estes textos, jornalísticos, mas também programáticos, são necessários à contextualização global dos discursos enquanto práticas sociais e, no caso vertente, à elaboração e difusão de uma imagem do movimento; permitem contextualizar os *ethe* do discurso manifestante, construídos nos discursos icónico-verbais dos cartazes e faixas da manifestação. O facto de se fazer a análise a partir de fotografias tem obviamente condicionantes, fica excluída toda a vertente da oralidade, mas permite por outro lado uma abordagem metodológica plurissemiótica deste género discursivo.

## 2.1. Teoria do ethos

Para a teoria do *ethos* - ou *imagem de si* -, um conceito recuperado da tradição retórica, convergem contributos, nem sempre concordantes, de diferentes autores (fizemos já referência a Maingueneau, Amossy, Charaudeau, ou ainda Adam (2010) e Kerbrat-Orecchioni (2002), entre outros). Assente, de acordo com Amossy (2010:25), que o *ethos* discursivo é “[...] l’image que l’orateur construit de lui-même dans son discours afin de se rendre crédible. Fondé sur ce qu’il montre de sa personne à travers les modalités de son énonciation [...]”, a reflexão sobre esta questão teórica fica aqui reduzida a apenas três pontos que são cruciais para a análise:

- a. A inscrição da problemática do *ethos* num quadro dialógico: o locutor faz a *apresentação de si* em função do alocutário, pois é necessário que este identifique e se identifique, por vezes, com este *ethos*.

- b. *Ethos discursivo e ethos pré-discursivo*: há uma relação dinâmica, o locutor confirma, reformula, modifica as representações sociais mais ou menos cristalizadas que de si circulam na comunidade.
- c. *Ethos dito e ethos mostrado*: contempla os modos como o(s) locutor(es) se constroem no discurso.

Obviamente, abordar a construção do ethos é indissociável da consideração do gênero discursivo em que é construído (*ethos* de gênero), uma questão a que Maingueneau (2013, §27) faz explicitamente referência: « Pour rendre les analyses plus opératoires, il faudrait s'appuyer sur une connaissance préalable de la manière dont tel type ou genre de texte peut être appréhendé en termes d'*ethos*, au lieu de partir à chaque fois de zéro. ».

## 2.2. Movimentos sociais e discurso. A manifestação como gênero discursivo

Uma segunda questão teórica diz respeito à *manifestação* como gênero de discurso. Grinshpun (2013, §9), na caracterização deste gênero discursivo, propõe duas categorias descritivas, *discurso manifestante*, que define como “l'ensemble de la production sémiotique (verbale ou iconique) d'une manifestation ou d'une série de manifestations qui ont un même objectif”, e *enunciados manifestantes*, isto é, “l'ensemble des énoncés verbaux scandés par les manifestants ou inscrits sur les banderoles ou les affichettes”. A importância desta categorização não esgota as particularidades do gênero; nomeadamente destacamos como características a ter em conta:

- a. A manifestação é um gênero do discurso político;
- b. É um evento público, de exercício da cidadania;
- c. Integra mecanismos de reforço grupal, por um lado, e de contestação e desqualificação de (discursos) adversários, por outro<sup>5</sup>;
- d. Esta orientação do *discurso manifestante* tem suporte na realização de dois macroatos de incitamento e de contestação.
- e. É um discurso de plurilocutores, estruturado em dois momentos temporalmente distintos de (i) convocação e (ii) desfile;
- f. É multimodal, por outras palavras, é multicanal, marcado pela coocorrência da escrita, em faixas e cartazes, e da oralidade, em palavras de ordem, e é plurissemiótico conjugando os sistemas verbal, icónico e gestual.

A *manifestação de 2 de março* é um evento discursivo que se enquadra neste gênero discursivo.

---

<sup>5</sup> Mesmo que se trate de uma manifestação de apoio, que pode ser categorizada como subgênero do gênero manifestação, pressupõe sempre um adversário.

### 3. Ethos coletivo e ethe singulares na convocação da manifestação de 2 de março

#### 3.1. Suporte do discurso e ethos: os cartazes de convocação da manifestação

A elaboração e afixação de cartazes e faixas convocando a *manifestação de 2 de março* constitui a primeira parte deste evento discursivo. A construção do *ethos* do locutor, na necessária relação com o alocutário, não é indiferente ao material não-verbal de suporte do discurso. Com efeito, consideramos, com Maingueneau (1998, p. 57), que o suporte da comunicação é fundamental: “[...] le médium n’est pas un simple moyen de transport pour le discours, il contraint ses contenus et commande les usages qu’on peut en faire”.

No discurso *manifestante*, esta importância é acrescida, pelas implicações que o cartaz impõe enquanto suporte preferencial de comunicação. De facto, a convocação da manifestação põe em cena estratégias icónico-verbais em que ganham destaque propriedades tipográficas como a forma, tamanho e cor das letras ou ainda o lugar ocupado pelo enunciado no espaço gráfico, como no exemplo seguinte:

Figura 2.



A opção por um estilo manuscrito, o jogo de cores, entre azul e vermelho, e de tamanhos dos grafemas bem como a pseudo-imperfeição do resultado, com riscos e sobreposições, é estratégica<sup>6</sup>; são artifícios que camuflam um trabalho efetivo de construção gráfica e impressão dos cartazes, para imporem uma imagem de espontaneidade, de improviso, do locutor. A estas imagens não deixam de agregar outros *ethe*, de autenticidade e liberdade, a que esta falta de recursos para adquirir materiais mais elaborados, ao contrário do que acontece nas atividades partidárias, dá força. É que esta atividade tem na sua origem o cidadão anónimo, que, *naturalmente*, e este é um pressuposto doxal, não dispõe de uma máquina partidária que o auxilie, nem é condicionado por ela, antes a supera no engenho e simplicidade dos materiais usados<sup>7</sup>. Tais

<sup>6</sup> Segundo Adam (2010, p. 18), “Christophe Luc et Jacques Virbel parlent fort justement à propos de propriétés ‘typo-dispositionnelles’ de la mise en forme matérielle des énoncés”.

<sup>7</sup> Esta capacidade faz parte dos estereótipos relativos ao povo português, referida habitualmente como *desenrascanço*.

imagens de automobilização, de auto-organização e de dinamismo sustentam a imagem global do movimento e reforçam os valores de apertidarismo proclamados desde a sua constituição. Saliente-se, ainda, a acrescida influência destas características, coincidentes com imagens do povo português, sempre representado de forma muito positiva, e que circulam no discurso público<sup>8</sup>. Por isso, a identificação com o povo é a afirmação de uma superioridade; em nome do povo, o movimento constrói uma posição alta, de poder, para daí confrontar os poderes oficiais.

Cabe referir que este é um cartaz fundamental em termos de construção do “discurso manifestante” e do *ethos* coletivo global em particular, porque os enunciados, *Que se lixe a Troika!* e *O Povo é quem mais ordena!*, indissociáveis do aspeto gráfico que os materializa neste cartaz, funcionam não só como *palavra de ordem*, retomada noutros cartazes, mas também como uma espécie de logotipo identificador do movimento. É, pois, uma marca de coesão e coerência global do evento.

Esta estratégia permite que o locutor construa um *ethos* reivindicativo, aguerrido, criado no confronto com o governo e suas “ligações perigosas”, presentificadas na *troika*, e reforçado pelo valor ilocutório do ato linguístico de imprecação que o enunciado *Que se lixe a troika!* assume.

### 3.2. Vozes convocadas e construção do *ethos*

O ato de convocação da manifestação põe em cena várias vozes, desde um locutor coletivo a locutores singulares; é um complexo jogo de vozes que se sobrepõem e interagem. Em primeiro lugar, os discursos/*enunciados manifestantes* põem em cena um locutor coletivo, cuja identificação é ambígua. Se por um lado é identificado com o movimento *Que se lixe a troika!*, pela presença do logotipo, a sua verdadeira assinatura, abre-se, por outro lado, a um coletivo que pode incluir o povo, a partir das formas de deixis pessoal usadas<sup>9</sup>:

(1) *Vamos fazer Portugal tremer*

Em segundo lugar, quando apagada da superfície textual, é pela construção de um dialogismo interdiscursivo que a imagem do locutor se mostra. De facto, o locutor põe em cena outras vozes a que se assimila: são discursos em circulação que trazem vozes proverbiais (2) e vozes da História da democracia portuguesa (3), ambas com forte valor argumentativo, pela atualização de um imaginário que garante a coesão grupal:

(2) - Março marçagão  
manhã de inverno

<sup>8</sup> O discurso político tem, neste domínio, um comportamento prototípico, “Todos os locutores convêm unanimemente na caracterização de um povo dotado dos traços mais nobres que um ser humano pode ter e que o levam a um comportamento exemplar” (MARQUES, 2007, p. 3128).

<sup>9</sup> É um movimento que se pretende popular, em primeiro lugar. Veja-se o seguinte excerto: «Segundo Myriam, foi nessa reunião [em junho de 2012] que “foi apresentada a ideia de uma grande manifestação”, tendo também sido reiterada “a necessidade de que fossem pessoas individuais a convocar e não um colectivo ou uma associação”.

tarde de revolução  
- Todos os rios vão dar a março

- (3) – [O povo é] tendencialmente sereno  
– O povo é quem mais ordena!

Neste último enunciado, *O povo é quem mais ordena!*, para além da relevância que já foi referida, as vozes que se fazem ouvir, e às quais o locutor se agrega, são vozes de autoridade incontestável. Trata-se de um verso da canção *Grândola, Vila Morena*, escrita e cantada por Zeca Afonso, ao estilo dos cantares populares alentejanos, e que foi a senha para o Movimento das Forças Armadas na madrugada da revolução de 25 de Abril de 1974. Entoadada repetidamente em momentos de celebração da democracia ou de protesto, em nome dessa mesma democracia, é a voz de abril que todos os portugueses identificam. Ao trazer esta voz de autoridade, voz mítica mesmo, como palavra de ordem para a manifestação, o movimento *Que se lixe a Troika!* inscreve-se numa tradição democrática, mostra-se num ethos “de revolucionário”<sup>10</sup>. A voz original da democracia torna-se a voz do povo que agora se manifesta. Se, como refere Amossy (1999, p. 127), “[...] l’efficacité de la parole est liée à l’autorité de l’orateur”, o locutor assegura a eficácia da convocação, pelas vozes que traz para o discurso e a que se assimila.

### 3.3. Discursos “reciclados” e construção do ethos

Mas o trabalho de construção do *ethos* assenta em estratégias e mecanismos linguísticos mais diversificados. O locutor não se limita a convocar discursos de autoridade; procede também a modificações, a alterações, para melhor os integrar no *discurso manifestante*, contribuindo para a (re)construção do *ethos global* do locutor e a reorientação argumentativa e temática dos discursos.

Esta estratégia permite, por exemplo, a construção de um *ethos* discursivo popular, a que o uso de provérbios adaptados ao contexto<sup>11</sup> da manifestação dá força, ou permite, ainda, retrabalhar, reformular, o *ethos* popular pré-discursivo, de modo a fazê-lo convergir com uma nova imagem, mais adequada aos objetivos de contestação do grupo. É o caso do estereótipo de *paciência*, quando não de *passividade*, associado à imagem do povo português. A esta representação o locutor substitui um *ethos* de combatividade, pela modificação do discurso convocado. Assim *O povo é sereno* é reformulado para *tendencialmente sereno*, pela adunção da modalização adverbial; do mesmo modo, o enunciado *Os portugueses são um povo de*

<sup>10</sup> A autoridade das vozes convocadas é uma estratégia de credibilização recorrente. Completando a análise dos enunciados acima transcritos, vale a pena assinalar que “[O povo é] tendencialmente sereno” convoca um momento de crise da recém-implantada democracia; “O povo é sereno” foi a reação do primeiro-ministro, Almirante Pinheiro de Azevedo, a tumultos civis, em 9 de novembro de 1975, em frente à Assembleia da República.

<sup>11</sup> Note-se que a versão original do provérbio *Todos os rios vão dar a março* é “Todos os rios vão dar ao mar”; este *provérbio* e outras expressões fixas modificados estão ao serviço deste objetivo discursivo. Do mesmo modo, *Março, marçagão, manhã de inverno tarde de revolução* deriva da forma *Março marçagão, manhã de inverno tarde de verão*.



*brandos costumes*, estereótipo frequentemente convocado, é também modificado através da predicação *Os brandos costumes têm limites*<sup>12</sup>.

A subversão dos estereótipos, orientada para uma atitude interventiva, visa a adesão dos destinatários e a consequente construção de uma identidade grupal pela assimilação à *imagem de si* construída no discurso.

### 3.4. Discurso icónico e identificação do locutor

Retomando a metáfora dos rios e marés, identificadora da manifestação em análise, são diferentes locutores que concorrem para a construção da imagem global. Para além da linguagem verbal, a linguagem icónica tem uma função nuclear nesta identificação.

As imagens que complementam os discursos dos cartazes têm, portanto, uma função identificadora do locutor; propõem um corpo para uma voz. Com efeito, o discurso icónico dá relevo aos corpos que assumem estas vozes. Nos exemplos abaixo, repetida(s) em dois cartazes diferentes, é possível identificar a(s) imagem(ns) de um locutor jovem e irreverente. São fundamentais, na construção desta imagem do locutor, os ténis, calçado preferido dos jovens, em combinação com o jogo de linguagem entre o nome do herói cinematográfico Batman e o enunciado bat[e], man [forma de tratamento usada por jovens]”, associado à imagem de um bastão<sup>13</sup>. Estas dimensões enquadram os enunciados centrais (pelo destaque gráfico) *A gente que canta já não vai em cantigas* e *Basta de brandos costumes*<sup>14</sup>:

Figura 3.



Figura 4.



<sup>12</sup> Há um trabalho sistemático de reformulação da imagem do povo português. Veja-se, no mesmo sentido de reformulação, o enunciado do cartaz (Fig. 5) *A gente que canta já não vai em cantigas*, no uso da expressão fixa “não ir em cantigas”, isto é, “não se deixar enganar”, que ganha outros sentidos na relação com a primeira parte da predicação “A gente que canta”. É que, mais uma vez, estamos perante uma imagem do povo português criada durante a ditadura pela propaganda salazarista, a do camponês que trabalha, canta e reza. Traz ainda para o espaço discursivo a memória de uma série de documentários televisivos de Michel Giacometti e Alfredo Tropa, realizados durante dois anos nos inícios dos anos 70 do século XX, sobre cantigas populares, e intitulada “Povo que canta”. *Um povo de brandos costumes* é um chavão da ditadura do Estado Novo, criado por Salazar. Brandura é aqui sinónimo de resignação.

<sup>13</sup> A nota de humor dada pelo pormenor do cãozinho a “regar” a troika enquadra-se no estereótipo do espírito jovem e irreverente.

<sup>14</sup> Recorde-se que estamos perante imagens do povo português criadas durante a ditadura pela propaganda salazarista. São vozes da ditadura que, por força da recontextualização, são assimiladas ao governo e outras instituições adversárias.

Destacam-se por serem imagens com valor simbólico grupal (intragrupo). Tal como nestas imagens, também noutros cartazes que apresentam um locutor individual<sup>15</sup> não está em causa a identificação de um locutor singular; em cada caso é a voz de um grupo, idosos, reformados, estudantes, intelectuais e jovens, que é trazida. A singularidade da imagem é suplantada pelo valor de *exemplum* que a transforma e lhe dá força argumentativa.

Por isso, e apesar da sua singularidade, cada imagem remete para um grupo, é o “corpo” dos que se identificam com esta voz, ou, como refere (Maingueneau, 1999, p. 80), a “communauté imaginaire de ceux qui adhèrent à un même discours”. A convocação singular é sempre simulação.

#### 4. Os destinatários do ato de convocação

De facto, a relação que o locutor instaura com o seu alocutário é, nos enunciados de convocação, uma relação de consenso. O objetivo é dinamizar os elementos de um mesmo grupo, apelar a uma ação conjunta. Por isso, a forma de tratamento usada é a de segunda pessoa, pois o uso de *tu* instaura, neste contexto, uma relação solidária. O locutor constrói preferencialmente uma relação de proximidade e igualdade com o alocutário/ destinatário, que é convocado na sua singularidade:

(4) Eu vou E tu??  
Sai à rua Faz ouvir a tua voz  
Solta a Grândola que há em ti

Mas, como atrás apontámos, também aqui a singularidade é aparente; o destinatário é sempre a soma dos indivíduos que aceitam ser interpelados por esta forma de tratamento.

Um alocutário coletivo, a que o locutor também se agrega, está presente ao serviço da construção da mesma relação intragrupal, agora marcada pelo uso da primeira pessoa do plural *Nós*, em oposição a “eles”, os adversários. Quando estes são destinatários, a relação instaurada é de exclusão, configurando-se um ato de recusa dos outros, das suas propostas políticas:

(5) Os *nossos* sonhos não cabem nas vossas urnas

O locutor constrói assim um *ethos* global solidário, de identificação com o povo, mas também um *ethos* contestatário.

#### 4.1 Atos ilocutórios e imagem do alocutário

Os enunciados manifestantes constituem atos ilocutórios diretos de incitamento intragrupo mas também atos ilocutórios indiretos de ameaça extragrupo; todos contribuem para a construção de um *ethos* interventivo, ativista, marcado particularmente nas formas verbais de imperativo:

---

<sup>15</sup> A título de exemplo, refira-se que um dos cartazes usa a figura de Einstein.

- (6) - Sai à rua Faz ouvir a tua voz  
- Solta a Grândola que há em ti

A mesma estratégia subjaz aos enunciados modificados, por comportarem um ato indireto de aviso ou mesmo de ameaça, em que o locutor reafirma o seu ethos de autoridade e de ativismo cidadão, como nos enunciados já acima referidos:

- (7) - O povo é tendencialmente sereno  
- Basta de brandos costumes

Ainda que não exploremos aqui esta dimensão, cabe lembrar que os atos ilocutórios realizados, bem como toda a estratégia de modificação de provérbios e outras expressões, estão ligados à construção de um estado emocionado, a indignação, que pretende ser o motor dos movimentos de protesto, a ponto de ser a sua característica prototípica e, por metonímia, os designar (os movimentos dos Indignados)<sup>16</sup>.

## 5. Os discursos da manifestação: o desfile

A análise dos cartazes e faixas da manifestação mostra uma modificação relativamente às suas características discursivas em manifestações mais *tradicionais*. De facto, predominam os cartazes individuais, ou seja, transportados por um só manifestante; as faixas, identificando, habitualmente, *slogans* de partidos e sindicatos quase não existem, ou, se existem, partilham das características materiais dos cartazes, ao serviço de uma estratégia que, como vimos, privilegia o estatuto de *cidadão*<sup>17</sup>.

Há efetivamente um *discurso manifestante* novo. Quase não há *slogans*<sup>18</sup>, substituídos por outros enunciados que dão visibilidade a situações específicas, particulares e mesmo individuais. A clássica estrutura genérica destes enunciados dá lugar a enunciados marcados por construções deíticas que mostram um locutor individual, ainda que outros manifestantes se possam rever nessa situação, o que lhe confere representatividade coletiva que os cartazes da convocação, como vimos, já evidenciam<sup>19</sup>:

- (8) - É humilhante sair do meu país para sobreviver.  
- Os meus filhos não passarão fome.  
- Estou só. O meu filho emigrou!

Este último enunciado, por exemplo, faz parte de um cartaz manuscrito, transportado por um homem idoso. Constitui um ato expressivo de lamentação, que convoca estereótipos de solidão ligados à terceira

<sup>16</sup> Emediato (2010, p. 86) faz referência a esta centralidade: “O efeito (...) da indignação (...) surge como o sentimento mais prototípico da ética cidadã”.

<sup>17</sup> Segundo Dorna (2007, §30) “Il y a dans le discours politique, lorsqu’il est réussi, une capacité à provoquer l’identification”. O discurso do desfile mostra a identificação conseguida, como efeito perlocutório do macroato de convocação.

<sup>18</sup> Esta é uma característica dos novíssimos movimentos sociais: Segundo Grinshpun (2013, §9) “En effet le slogan prototypique d’une manifestation, tel qu’il est habituellement décrit dans les travaux des spécialistes, est une formule concise dont le signifié et le signifiant ont une forme prégnante, destinée à être scandée oralement et de manière collective. »

<sup>19</sup> De facto, os próprios manifestantes mostram ter consciência desse facto; num dos cartazes do corpus pode ler-se *Aqui sou mais que eu*.

idade, a par de um outro drama social, este atingindo a juventude, que é a emigração por falta de oportunidades de trabalho em Portugal. O jogo de cores dos grafemas, entre azul e vermelho, dá realce às unidades linguísticas “só” e “emigrou” assim agregados visualmente.

### 5.1. A autoria dos cartazes

Uma primeira questão relaciona-se, pois, com a autoria dos cartazes. Sabemos que, teoricamente, o locutor empírico é distinto do locutor construído no discurso e pelo discurso, mas não são alheios um ao outro. Esta questão coloca-se, de modo particular, num evento comunicativo que pretende agregar a diversidade e autenticidade dos manifestantes, que de forma inteiramente livre, pretende-se, participam no evento. Os cartazes e faixas, pelo menos na sua maioria, são feitos à mão<sup>20</sup>, mostrando o seu carácter artesanal, com recurso a materiais de ocasião, seja um cartão de uma caixa rasgado irregularmente ou uma folha de papel, pregados numa tira de madeira ou cartão, ou transportado e mostrados com as mãos.

O material usado reforça os eixos semânticos de improviso, autenticidade e singularidade que encontrámos já noutras vertentes. Mas deve ter-se em conta, também, o carácter estratégico destas opções, que, entre outras funções, estão ao serviço da construção do *ethos* coletivo.

De facto, os autores dos cartazes não são necessariamente os portadores dos cartazes, ainda que estes, por força das relações dinâmicas texto-contexto, não sejam alheios à construção dos sentidos. A convocação, para construir cartazes é recorrente: em cartazes (*Rossio 18 horas vamos pintar cartazes*), em fotografias que mostram arrecadações onde já se empilham, prontos a serem distribuídos, ou ainda na imprensa, acentua a pertinência desta distinção teórica:

(9) As cinco “marés” vão juntar-se no topo da Avenida da Liberdade, sob o olhar atento do Marquês que reconstruiu a cidade de Lisboa após o terramoto de 1755, sendo que *a partir das 14 horas haverá uma “oficina de produção de cartazes” com designers e artistas*. (Protestar e pôr o país a cantar a Grândola nas ruas, por Fábila Maciel 02/03/2013 – 00:00, *Público online*)

### 5.2. Os portadores de cartazes: dar corpo a uma voz

Os portadores de cartazes e faixas assumem o estatuto de locutores empíricos. Dão corpo (empírico) a uma voz, constituem-se como “bases corporais” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2010, p. 124)<sup>21</sup> do *ethos* mostrado nos enunciados/discursos dos cartazes/faixas que transportam.

<sup>20</sup> Alguns são impressos em telas, mas o conteúdo dos enunciados aproxima-os das singularidades que se mostram nos cartazes artesanais, de que é exemplo: *sr. Pedro, não tenho PPPs não tenho ações ou fundações para os seus cortes e subtrações. Não roube mais e sempre aos mesmos*.

<sup>21</sup> Kerbrat-Orecchioni retoma aqui Maingueneau e a problemática da *corporalidade* do *ethos*. Falando de *bases corporais do ethos*, diz que “[...]os locutores não poderiam mudar radicalmente de *ethos* porque ele está ligado ao corpo: por mais trabalhada que possa ser a comunicação, sempre ficará algo de irremediavelmente pessoal no timbre da voz, nas mímicas, na postura, na aparência geral”.

Numa das faixas que analisámos, marcada mais uma vez pelo improvisado que decorre da grafia e dos materiais usados, as portadoras da faixa, com idades claramente acima dos sessenta anos, assumem a responsabilidade do enunciado, dão-lhe um rosto feminino e asseguram o sucesso da referência, na identificação de “os mais fracos” com os reformados (as reformadas), em detrimento de outras possíveis identificações (desempregados, por exemplo, ou outros setores mais fragilizados da sociedade portuguesa).

A relação dos portadores de cartazes com o conteúdo discursivo destes é duplamente importante na identificação dos referentes discursivos e do estatuto social dos portadores, porque *fazem corpo* (MAINGUENEAU, 1998, p. 82) com este modo de protestar. Há uma progressão na construção desta identificação: portador – locutor - autor.

Por isso, estamos perante uma estratégia discursiva recorrente. Numa outra fotografia da manifestação divulgada *online*, numa faixa cujos portadores são agora jovens, o conteúdo verbal precisa, de igual modo, o estatuto social que estes assumem, de estudantes, no jogo de palavras “A Troika é um erro crato” (Nuno Crato é ministro da Educação e Ciência). É um procedimento discursivo de reorientação temática e argumentativa que já encontramos nos cartazes de convocação; pela sobreposição de erro crato a erro crasso, o locutor convoca com humor outros discursos implícitos, outras leituras: Crato é um erro crasso; A Troika é um erro crasso.

Em ambas as situações os locutores mostram um *ethos* coletivo popular mas também interventivo, como já havia sido construído aquando da fase de convocação. Tal como ocorreu na construção dos cartazes, estes “corpos” não valem apenas na sua singularidade, estão investidos de uma carga simbólica, são sempre representantes de um grupo social, exemplificam as *marés* idealizadas pelos promotores da manifestação.

### **5.3. Os discursos dos manifestantes e a construção da relação interlocutiva: o lugar do adversário**

O desfile da manifestação vai refazer o quadro comunicativo inicial, preservando, no entanto, os *ethe* construídos. Os locutores e alocutários da convocatória são agora locutores, e o alocutário é agora o adversário. O objetivo é a verbalização da contestação, que se realiza maioritariamente através de um posicionamento interventivo e agressivo, de que os discursos de convocação já davam conta, desde logo na denominação do movimento, mas também no exercício sistemático de reformulação da representação social de passividade popular.

As formas de tratamento (FT) marcam esta redefinição desta relação interpessoal, são *relacionemas* (KERBRAT-ORECCHIONI, 1994), isto é, são não só indicadores mas também construtores da relação interpessoal. De uma relação interpessoal inicial, no discurso de convocação, marcada pela relação EU/TU = NÓS vs ELES passa-se a uma relação EU/NÓS vs TU = ELE(S).

Neste confronto, os destinatários são desqualificados pelas formas de tratamento usadas. Aplicando à relação interpessoal discursiva, a categorização das FT em função dos parâmetros de poder e solidariedade, como proposto por Brown e Gilman (1960), a forma de segunda pessoa do singular (TU) assume valores contextuais diversos de acordo com os contextos em que ocorre. Se nos discursos de convocação da manifestação assegura a relação de solidariedade, numa comunicação intragrupo, nos discursos de desfile da manifestação, a FT, no quadro de uma situação de confronto, é uma marca de poder que desqualifica o adversário. Por contraste com as FT institucionalmente adotadas na relação com o Primeiro-Ministro, *Sr. Primeiro-Ministro/V.Excelência*, o uso da segunda pessoa, completado por outras FT como a forma pronominal *você*, as formas nominais *sr. Pedro* ou *Coelho*, serve a intensificação do desacordo e da desqualificação, veiculados pelo enunciado em que a FT se insere:

- (10) - *Aguenta tu*  
 - *sr. Pedro*, não tenho PPPs não tenho ações ou fundações para os seus cortes e subtrações. *Não roube mais e sempre aos mesmos.*  
 - *Sr. Coelho*, nem temperado *você* é desejado. É pior que as vacas loucas  
 - *Coelho estás a passos de deixares a quinta*

De facto, os atos ilocutórios reforçam esta relação de confronto, e o locutor constrói um *ethos* de superioridade e agressividade, mostrado na realização de atos ilocutórios de ordem, ameaça e insulto, que podem aliás coexistir no mesmo enunciado:

- (11) - *Demite-te, Coelho*  
 - *Hoje estou na rua. Amanhã és tu!!*  
 - *Volta para a toca*

É sobretudo o ato de insulto que sobressai dos valores ilocutórios do *discurso manifestante* (“la dimension aggressive du discours protestataire.”, Orkibi, 2012: §31). O insulto é um ato ameaçador da face de que a agressividade é componente fundamental; é um ataque *ad personam*. Mas é também um enunciado de emoção (Plantin, 1997, Doury, 2000), expressa fúria, ódio, descontentamento. O enunciado insultuoso concentra um conjunto de atos ilocutórios de que sobressai o ato expressivo, porque é o veículo de uma emoção contra um alvo identificado, e um ato agressivo, que o desqualifica<sup>22</sup>.

Nesta manifestação, os insultos são dirigidos, preferencialmente ao Primeiro-Ministro. O alvo do insulto é construído ora (12) como objeto de discurso, em descrições desvalorizadoras pela carga axiológica negativa que carregam ora (13) como interlocutor, interpelado por diferentes locutores. Em qualquer dos casos, são estratégias discursivas que vão exacerbar a manifestação do desacordo e diabolizam a imagem do adversário-alvo:

- (12) - *A região transmontana dispensa este sacana*  
 - *Pá xaputa cú parriu!*

<sup>22</sup> Não é obviamente o único dispositivo de construção da agressividade. Outras vertentes concorrem para a acentuar, como é o caso da linguagem caricatural (BONHOMME, 2010).

- Coelhos há muitos! Mentirosos só há um...

- (13) - Passos vai bardamerda  
 - Xô!  
 - Volta para a toca  
 - Ó Coelho anda pro Porto que a gente acerta-te os passos  
 - Gatuno  
 - Ladrão

O insulto é, pois, uma estratégia preferencial; usado no confronto com os poderes públicos é a marca do poder popular que desce à rua: “L’usage d’une langue obscène, caractéristique de la rhétorique de polarisation, est tout particulièrement associé à la reprise du contrôle de l’espace public par le peuple” (ORKIBI, 2012, §19).

Estes mecanismos verbais ativam um *ethos* popular, que agrega uma imagem de rudeza, intensificada no uso de linguagem obscena, associada a um *ethos* reivindicativo; a cortesia não faz parte do *ethos* do locutor do discurso manifestante, ou melhor, a descortesia faz parte do *ethos* do locutor do discurso manifestante.

A contestação e a agressividade dos insultos coexistem com uma vertente lúdica, própria do protesto político, e que nesta manifestação tem expressão em formas icónico-verbais variadas. Assim, a construção do insulto, por exemplo, assenta em formas axiologicamente negativas que jogam com o nome do Primeiro-Ministro (Pedro Passos Coelho); há uma animalização do adversário por caricaturação zoomórfica<sup>23</sup>:

- (14) - Passos Coelho já devias estar a fritar no tacho há muito tempo

O objetivo é ridicularizar o adversário; a agressividade e o insulto cruzam-se com o escárnio. O discurso icónico participa nesta construção, permite ou reforça a identificação do referente discursivo, nomeadamente por ridicularização, como no pormenor da imagem abaixo, que complementa o enunciado *Volta para a toca*:

Figura 5.



O ludismo e a contestação associam-se ainda na criatividade linguística, sempre ligada a formas de cultura popular. O discurso manifestante é também discurso de celebração do poder popular, de um modo

<sup>23</sup> Bonhomme (2010) identifica esta estratégia já no século XVIII, em manifestos contra Luís XVI, apelidado de *porco*.



particular de ser povo. Num registo popular, as rimas, os jogos de linguagem a nível lexical e fonético são postos em relevo em cartazes onde o grafismo sobressai:

(15) - Relvas, Coelho e *Gaspar*  
Piores que *Salazar*  
- A região *transmontana*  
Dispensa este *sacana*

(16) - Se o PASSOS precisa do RELVAS  
nós PASSAMOS bem sem eles!  
- Sócrates, Portas e Coelho vão para a troika que vos pariu!!!  
- Párrem de me róbar  
- Pá xaputa cú parriu!

É um uso transgressor da linguagem que não é alheio ao cómico, à irreverência e a um espírito mordaz, que conjugam, por um lado, as características de um género político que dessacraliza o poder institucional e, por outro, representações sociais do povo português que recuam às cantigas de escárnio e maldizer, por exemplo.

## 6. Considerações finais

A análise de um único evento discursivo, como o que acabámos de apresentar, tem necessariamente limitações, mas o seu enquadramento num movimento cívico mais alargado, de que a manifestação de 2 de março não é um “episódio único”, a par do facto de esta ter sido uma manifestação que poderemos classificar como prototípica do género e, sobretudo, o enquadramento teórico que suporta a investigação asseguram a pertinência do estudo e a transferibilidade do conhecimento obtido para outras análises e outros contextos.

Da análise da construção do *discurso manifestante*, sobressai a existência de um processo de liderança, em particular na fase da convocação da manifestação, mas que não deixa de estar presente em todo o evento discursivo ainda que apagado da superfície discursiva, ao serviço da construção de uma imagem do movimento que os seus promotores pretendem que seja uma imagem de espontaneidade, de automobilização dos cidadãos. Constrói-se, deste modo, um movimento cidadão integrador de singularidades que confluem na globalidade e unidade de um posicionamento discursivo, político, enformado, por um lado, por um *ethos* popular prévio, recuperado discursivamente em modos de dizer e fazer validados pela memória doxal, mas reformulado em algumas das suas representações sociais-discursivas ou reforçado noutras, a fim de melhor se harmonizar com a imagem pretendida de um povo de esquerda, a que a convocação de vozes símbolo da revolução dá saliência.

Mas as estratégias de mobilização popular destes “novíssimos movimentos sociais”, no apelo às origens democráticas, à soberania popular, à unidade do povo, à cultura popular, são estratégias já clássicas noutros géneros do discurso político, como refere A. Dorna (2007, p. 19):



Le discours politique, encore davantage populiste, s'appuie sur l'évocation des critères d'identité commune. C'est un *rappel de la mémoire culturelle*, afin de relancer en permanence la cohérence et la cohésion de l'ensemble. *Ce qui divise est minimisé et les éléments d'unité sont mis en relief* à travers des symboles et des commémorations. Les mots d'ordre sont toujours martelés: *revenir aux racines, ressourcer les institutions, retrouver l'âme de la nation et aller au peuple!*

Mas não são únicas. Coexistem com a dinâmica forte e, essa sim, “novíssima” da mobilização proporcionada pelas redes sociais, com impacto nacional e internacional.

Na tradição de outras manifestações populares, a construção verbal do *discurso manifestante* atualiza um estilo de gênero, que se integra na chamada *retórica dos movimentos sociais*, e onde sobressaem os jogos de linguagem, a coloquialidade e mesmo os insultos. A precariedade dos materiais usados é coerente com o estilo.

A construção de um *ethos* global do movimento resulta de estratégias multimodais, verbais e não-verbais, que dão visibilidade a pretendidos *ethe* individuais interpretáveis, no entanto, em termos de *ethe* coletivos pela simbologia que carregam; estes procedimentos visam suscitar a adesão através de um modo de dizer que é um modo de ser, operacionalizado, desde o início, como assinatura do movimento *Que se lixe a Troika!*.

A construção desse *ethos* global, um *ethos* de identificação popular, não é a mera soma de *ethe* individuais, pelo contrário, é o *ethos* global, pretendido pelos ativistas do movimento, que determina os *ethe* individuais. Neste contexto, a autoria dos discursos é uma das questões fundamentais a considerar.

As vozes que o discurso manifestante atualiza desenham um *ethos* coletivo popular de esquerda; sem marcas discursivas identificadoras, apenas alusões, as vozes vivem no discurso por uma memória comum que reforça o grupo, *Nós*, contra os outros, *Eles*.

Dois objetivos fundamentais sobredeterminam todas as estratégias de construção do *ethos*: mobilizar o povo e confrontar os poderes instituídos. E, neste caso, a manifestação propriamente dita, o desfile, confirma a realização desses objetivos com sucesso, já que a manifestação de 2 de março foi uma das maiores manifestações do Portugal democrático.

## Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. **La Linguistique Textuelle**. Introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris: A. Colin, 2010.

AMOSSY, Ruth (org.). **Images de soi dans le discours**. Lausanne-Paris: Delachaux et Niestlé, 1999.

\_\_\_\_\_. **L'Argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2000.

\_\_\_\_\_. **La Présentation de soi**. Ethos et identité verbale. Paris: PUF, 2010.

BONHOMME, Marc. La caricature politique. **Mots**: Les langages du politique. 2010. Disponível em: <http://mots.revues.org/19858>. Acesso em 15 jun.2014.

BROWN, R. ; GILMAN, A. The Pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, Thomas Albert. (org.), **Style in Language**, Cambridge: MIT Press, pp. 253 – 276, 1960.

CAMARGO, João. **Que se Lixe a Troika!**, Porto, Deriva Editores, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours politique**. Les masques du pouvoir, Paris, Vuibert, 2005

DORNA, Alexandre. Pistes pour une étude contextuelle du discours politique populiste. **Bulletin de psychologie**, 6, n.492, p. 593-600, 2007. Disponível em: [www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2007-6-page-593.htm](http://www.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2007-6-page-593.htm). DOI: 10.3917/bupsy.492.0593. Acesso em 15 jun. 2014.

EMEDIATO, Wander. Argumentação na mídia: problematidade e avaliação ética. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato. (org.), **Análises do Discurso Hoje**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 71-92, 2010.

GRINSHPUN, Yana. Discours manifestant et contestation universitaire (2009). **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 10, 2013. Disponível em: <http://aad.revues.org/1476>. Acesso em 15 jun. 2014.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**, tome II, Paris: Colin, 1994.

\_\_\_\_\_. **Système Linguistique et ethos communicatif**. **Langue, Discours, Culture**, pp. 35-57, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. «O ethos em todos os seus estados», in Machado, I. e Mello, R. (org.), **Análises do Discurso Hoje**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 117-135, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Analyser les textes de communication**, Paris: Dunod, 1998.

\_\_\_\_\_. Ethos, scénographie, incorporation. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Images de soi dans le discours**. Lausanne-Paris: Delachaux et Niestlé, p. 75-100, 1999.

MARQUES, Maria Aldina. O 'povo português' nos discursos políticos parlamentares: um papel comunicativo complexo. In: CANO LÓPEZ, Pablo (org.) **Actas del VI Congreso de Lingüística General** (Santiago de Compostela, 3-7 de Mayo de 2004), Tomo 3, pp. 3121-3132, 2007.

ORKIBI, E. L'insulte comme argument et outil de cadrage dans le mouvement "anti-Sarko". **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 8, 2012. Disponível em: <http://aad.revues.org/1335>. Acesso em 02 jun. 2014.

VION, Robert. Polyphonie Énonciative et Dialogisme. **Colloque international Dialogisme: langue, discours**. Montpellier, 2010. Disponível em: <http://recherche.univ-montp3.fr/praxiling/spip.php?article264>

## Fontes

**Que se lixe a troika! Queremos as nossas vidas** <http://queselixeatroika15setembro.blogspot.pt>

**"Que se lixem as eleições, o que interessa é Portugal."** [http://www.tsf.pt/paginainicial/portugal/interior.aspx?content\\_id=2682715](http://www.tsf.pt/paginainicial/portugal/interior.aspx?content_id=2682715) (acesso: 2 de junho de 2014)

NEGRÃO, Leonardo. Discurso de Primeiro-Ministro interrompido por "Grândola Vila Morena". **Dinheiro Vivo**. 15 fev. 2013. Acesso em 22 fev. 2013.